

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

KAROLINE FRANCISCO

**MÚSICA E JORNALISMO NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO:
O DISCURSO FEMINISTA NAS MÚSICAS DA CANTORA KAROL CONKA**

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

KAROLINE FRANCISCO

**MÚSICA E JORNALISMO NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO:
O DISCURSO FEMINISTA NAS MÚSICAS DA CANTORA KAROL CONKA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - FAMECOS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador

Profa.Dra. Ivone Maria Cassol

Porto Alegre

2019

KAROLINE FRANCISCO

**MÚSICA E JORNALISMO NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO:
O DISCURSO FEMINISTA NAS MÚSICAS DA CANTORA KAROL CONKA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em jornalismo.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivone Maria Cassol

Prof^a. Dr^a. Camila Garcia Kieling

Prof. Dr. Carlos Gerbase

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

É imprescindível agradecer a toda minha família, em especial a minha mãe e minha avó Maria, que sempre me apoiaram, desde o momento que eu passei no vestibular até hoje, lembro-me da nossa euforia quando recebi a notícia de aprovação. Obrigada por todo o esforço e dedicação para que esse momento final chegasse.

Agradeço a minha filha Gabrielle, pela compreensão em toda a minha trajetória acadêmica. E por me fazer ser uma pessoa melhor a cada dia. Ao meu namorado Renan, por ser tão atencioso, paciente e por estar sempre presentes quando eu mais preciso. Aos meus pais Rogério e Júlio, meus exemplos de disciplina e comprometimento. Gostaria de expor, também, minha gratidão a minha irmã e meu cunhado por me auxiliarem nos cuidados com a minha filha e toda empenho dos mesmos.

Agradeço, ainda, as minhas amigas e colegas, Gabriela Moraes, Neda Camiza, Vitória Mendes e Sara, por toda a parceria, além de deixarem meus dias mais felizes na Famecos.

Sou, imensamente, grata a toda equipe e professores da Famecos, em especial a minha orientadora Ivone Cassol, que sempre me motivou, me tranquilizou em meus momentos de ansiedade e insegurança. Obrigada de coração, Ivone.

RESUMO

A monografia busca examinar como a rapper brasileira Karol Conka participa ativamente de movimentos sociais, mais especificamente do empoderamento feminino negro. Foram realizadas análises das composições musicais da cantora entre as quais “100% Feminista” e “É o Poder”, além de uma investigação em torno de entrevistas jornalísticas concedidas pela rapper para os portais: “Folha de São Paulo” e “O Globo”. A principal questão que procuramos solucionar é: “A música e o jornalismo são capazes de promover o empoderamento feminino?”. Como consequência, a pesquisa seguiu com o propósito de compreender o papel da mídia na sociedade, verificar os problemas sociais relacionados às mulheres negras, entender a relação da música e da mídia e a capacidade que elas têm na promoção feminina. Neste cenário, a atuação do rap se destaca sendo já reconhecida a representatividade de Karol Conka perante seu posicionamento na sociedade brasileira. Aplicamos as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, além da técnica de análise de conteúdo que contribuíram para identificação do discurso feminista e negro da cantora dando voz às mulheres que lutam por autonomia e reconhecimento.

Palavras-chave: Mídia. Música. Empoderamento feminino-negro. Karol Conka.

ABSTRACT

The monograph seeks to examine how Brazilian rapper Karol Conka actively participates in social movements, more specifically black female empowerment. Reviews of the singer's musical compositions were performed, including "100% Feminist" and "It's the Power", as well as an investigation around the journalist interviews given by the rapper for the portals: "Folha de São Paulo" and "O Globo". The main question we are trying to solve is: "Can music and journalism promote women's empowerment?" As a consequence, the research continued with the purpose of understanding the role of media in society, to verify the social problems related to black women, to understand the relationship of music and media and their ability to promote women. In this scenario, rap's performance stands out and Karol Conka's representativeness towards its position in Brazilian society is already recognized. We apply the techniques of bibliographic and documentary research, as well as the technique of content analysis that contributed to the identification of the feminist and black speech of the singer giving voice to women who fight for autonomy and recognition.

Keywords: Media. Music. Black female empowerment. Karol Conka.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Angela Davis.....	25
Figura 2 Bell Hooks.....	26
Figura 3 Kimberlé Crenshaw.....	27
Figura 4 Sueli Carneiro.....	28
Gráfico 1 - Composição da população brasileira em 2019 em percentual.....	31
Figura 5 Yahoo Conka	33
Figura 6 Iza.....	34
Figura 7 MC Carol.....	35
Figura 8 MC Soffia.....	35
Figura 5 Elza Soares.....	35
Figura 10 Huff Post Brasil.....	35
Figura 11 Folha de São Paulo.....	52
Figura 12 O Globo.....	55
Figura 13 Foto sorrindo.....	56
Figura 14 Empoderada.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MÍDIA, CULTURA E CONSTRUÇÃO SOCIAL	15
2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	15
2.2 HIPÓTESE DO AGENDAMENTO.....	18
2.3 MÍDIA E MÚSICA.....	20
2.3.1 RHYTHMANDPOETRY: RAP	23
3 MÍDIA, MÚSICA E FEMINISMO NEGRO	25
3.1 FEMINISMO NO BRASIL	25
3.2 MÚSICA E EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA.....	30
3.3 PERFIL DA KAROL CONKA	37
4 DISCURSO FEMINISTA NAS MÚSICAS DE KAROL CONKA	39
4.1 ANÁLISE DAS COMPOSIÇÕES DA CANTORA KAROL CONKA	41
4.1.1 MULHERES NO COTIDIANO.....	41
4.1.2 SOCIEDADE EM CHOQUE.....	44
4.2 CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: COMPARAÇÃO DAS ENTREVISTAS DE KAROL CONKA	47
4.2.1 ENTREVISTA À FOLHA DE SÃO PAULO.....	47
4.2.2 ENTREVISTA PARA O PORTAL O GLOBO	50
5 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Como a música e o jornalismo podem promover o empoderamento feminino são as questões em debate nesta monografia. De acordo com a hipótese Agendamento, elaborada por McCombs (2009), a mídia pauta assuntos diariamente, sugerindo o que é comentado pela sociedade. O discurso feminista presente nas composições “É o poder” e “100% Feminista” da cantora brasileira Karol Conka a tornam representante da luta das mulheres no Brasil, sendo constantemente noticiada e vinculada a essas questões. Notícias, notas e reportagem são examinadas para que possamos compreender como o jornalismo e a música contribuem para transformação na sociedade. Ainda pretendemos averiguar como a cantora introduz temas referentes à problemática feminista nas suas composições e como a mídia entende e trata esse discurso feminista de Karol Conka.

As mulheres há séculos sofrem com a desigualdade social e de gênero. As mesmas lutam para dar a visibilidade e reconhecimento necessário para estas questões, fazendo com que a sociedade evolua. Analisar o discurso da cantora Karol Conka na produção de suas músicas e como os meios de comunicação promovem o agendamento do engajamento feminista da artista é o objetivo deste estudo.

A música e o jornalismo são ferramentas bastante eficazes para transmitir mensagens. Estes meios devem ser valorizados por passar emoções, histórias e empatia a quem consome. Através da música e de relatos jornalísticos, as mulheres se sentem representadas, se identificam e conseguem lidar com situações de desigualdade e machismo que vivenciam. Estas ferramentas têm o poder de dar voz a elas e ajudá-las a se tornarem protagonistas das suas vidas.

Escolhemos o tema música e jornalismo como forma de promover empoderamento feminino porque acreditamos ser relevante para sociedade e que deve ser ressaltado para alcançar quem necessita. São também ferramentas que podem chegar à sociedade de forma leve e eficaz.

A cantora Karol Conka representa as mulheres que querem ser ouvidas, suas composições trazem identificação e dão coragem às vítimas da desigualdade de gênero e machismo. Um exemplo de suas composições é a “100% feminista”, em um dos trechos diz “Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona. Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona. Me ensinaram que éramos

insuficientes. Discordei, para ser ouvida o grito tem que ser potente”.

Para desvendar o discurso e a representatividade da cantora, realizamos análises de conteúdo de duas composições: a “100% feminista” e a “É o poder”, em diálogo com a própria cobertura midiática em torno da rapper e seu trabalho. Um exemplo é a reportagem do site O Globo, de 2016, intitulada de “KarolConka fala sobre feminismo e racismo: ‘Preconceito machuca”.

Para realizar este estudo são utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, além da técnica de análise de conteúdo. A pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Ainda de acordo com Gil (2002, 44):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Está técnica é um ponto de partida para qualquer pesquisa científica. Ao realizar o levantamento das letras das composições da cantora KarolConka, adotamos a técnica de pesquisa documental. Segundo Gil (2002, p. 46):

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.

Para averiguar como os portais Folha de São Paulo e O Globo abordam os trabalhos da rapper, é aplicada a técnica de análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p.19), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

O presente estudo tem como referencial teórico autores como Beauvoir, S (2009), Butler (2003), Davis (2017) que dão sustentação às discussões sobre gênero, empoderamento feminino. Na abordagem sobre cultura midiática e música são importantes as contribuições de Faour (2006), Kellner (2001) e Morel (2003). A Teoria da agenda (McCombs, 2009) dá sustentação teórica ao estudo da mídia e sua capacidade de motivar o debate sobre questões atuais.

Essa monografia é desenvolvida em cinco capítulos, entre os quais estão incluídas a Introdução e Conclusão. O segundo, “Mídia, cultura e construção social”, aborda o poder que a mídia tem de criar visões de mundo através da comunicação.

O terceiro “Mídia, música e feminismo negro” enfoca a relação da mídia e da música com o feminismo negro, avaliando, também, a importância da representação da mulher na música e nos meios de comunicação. Este capítulo também apresenta o perfil da KarolConka.

O quarto capítulo, “Discurso feminista nas músicas da KarolConka”, é dedicado à análise das composições da cantora, comparando, também, os sentidos presentes nas reportagens dedicadas a ela. Por fim, no quinto e último, desenvolvemos as considerações finais sobre o tema tratado.

2 MÍDIA, CULTURA E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Este capítulo visa apresentar a relevância dos meios de comunicação na construção e no entendimento da realidade social e também para o desenvolvimento da cultura. Ao longo do capítulo, abordamos as transformações sociais que os meios de comunicação têm provocado na sociedade e sua importância no próprio entendimento dos cidadãos a respeito dos fatos. A visão sobre a hipótese do agendamento, de como a mídia determina os assuntos da sociedade são abordados neste espaço e sua relevância nesse contexto.

Para desenvolver essas reflexões nos apoiaremos nas ideias de Alsina (2005), Charaudeau (2006), Kellner (2001) e John Thompson (2014), entre outros teóricos.

2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

A alegação de que os meios de comunicação constroem a realidade social existe em diversos textos e livros, mas que deriva diretamente da forma que é realizada a prática jornalística. A afirmação já faz parte do discurso de muitos teóricos, inclusive de Alsina (2009.p.09) quando diz:

Todas as manhãs, as pessoas que pessoas que querem saber o que está acontecendo no mundo leem o jornal, escutam a rádio, veem a televisão, ou navegam pela internet. Esses indivíduos consomem uma mercadoria especial: as notícias. Pagando ou gratuitamente, ou até pagando pela sua atenção, o que é computado através de picos de audiência no mercado publicitário, recebem uma série de mensagens. Essa informação delimitará, de certa forma, seu horizonte cognitivo.

Enquanto isso, Thompson (2008, p.38) disserta sobre como os meios de comunicação contribuem para as primeiras impressões sobre os locais a serem visitados pelos viajantes:

Tão profunda é a medida em que a nossa compreensão do mundo foi modelada pelos produtos da mídia hoje que, quando viajamos pelo mundo para lugares mais distantes como visitantes ou turista, nossa experiência vivida é muitas vezes precedida por um conjunto de imagens e expectativas adquiridas através de nossa prolongada exposição aos produtos da mídia.

As informações chegam ao público por meio da mídia, que constrói a sua

interpretação do fato em si. Portanto, são os meios de comunicação que apresentam grande parte da realidade social. É através deles que a população tem a compreensão de mundo e da sua própria realidade, como de grupos que a pertence. Como aponta Thompson (2008.p.39) “ao alterar a compreensão do lugar e do passado, o desenvolvimento dos meios de comunicação modificou o sentido de pertencimento dos indivíduos – isto é, a compreensão dos grupos e comunidades a que eles sentem pertencer”.

Podemos considerar então que os meios de comunicação são importantes mediadores que atuam diretamente na construção da realidade social. A mídia tem o papel de entregar conteúdos legítimos e socialmente relevantes que são introduzidos na sociedade. Os meios de comunicação são ainda para a população o mesmo que outros serviços sociais, como um posto de saúde, por exemplo. De acordo com Charaudeau (2006, p. 15-16):

Informação e comunicação são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas – economicamente (fazer viver uma empresa), tecnologia (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã). É justamente neste ponto que se tornam objeto de todas as atenções do mundo político que precisa delas para sua própria “visibilidade social” e as utiliza com desenvoltura (e mesmo com certa dose de perversidade) para gerir o espaço público.

Os jornalistas não realizam apenas a produção de textos, ao reconstituir os fatos, eles constroem visões de mundo. O processo da notícia se inicia da compreensão da realidade em que os eventos acontecem. Segundo Alsina (2005, p.47):

Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social.

O papel dos meios de comunicação é muito mais do que informar, eles contribuem para o desenvolvimento da sociedade. De acordo com Charaudeau (2006, p.19) “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público”. As notícias são capazes de fazer pensar, agir, de criar representações. A forma que algo é divulgado pode afetar o indivíduo receptor, no qual construirá sua própria interpretação. Os jornais, a internet, a televisão estão todos ligados na construção da realidade na vida cotidiana das pessoas.

O espaço privilegiado que os meios de comunicação têm podem influenciar no desenvolvimento social. É por meio da comunicação social que é possível chamar a atenção para o que é necessário. O discurso da mídia pode fazer a população refletir, debater, despertar para causas importantes. Alsina (2005, p.49) argumenta que “também sabemos que o discurso da mídia não é somente informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também pretende fazer sentir”.

Com a expansão de movimentos sociais os meios de comunicação puderam usar o seu espaço perante ao público para tornar realidade essas transformações culturais necessárias para a sociedade. De acordo com Kellner (2001, p.9):

A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral.

Outro aspecto positivo que a mídia e a cultura trazem é o sentimento de representação para as minorias, principalmente quando dá voz às estas pessoas que vivem em situação de desvantagem social, seja por raça, gênero ou classe. Na visão de White (1964), os símbolos são básicos para o comportamento humano. A civilização só existe em razão do comportamento simbólico. Charaudeau (2006, p. 117) estende o raciocínio para as representações no meio social:

As representações têm essencialmente três funções sociais intimamente ligadas umas às outras: a de organização coletiva dos sistemas de valores, que constituem esquemas de pensamento normatizados próprios a um grupo; a de exibição, diante de sua própria coletividade, das características comportamentais do grupo (rituais e lugares-comuns) com fins de visibilidade, pois os membros do grupo têm necessidade de conhecer o que compartilham e o que os diferencia dos outros grupos, para construir sua identidade; a de encarnação dos valores dominantes do grupo em figuras (indivíduo, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva.

Por sua vez, a cultura na mídia gera debates sociais, manifesta os sofrimentos e os medos da população, dá sentido a problemas que precisam ter a atenção de todos. No entendimento de Kellner (2001, p.11):

A cultura em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidade. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade.

É por meio de imagens, mensagens, personalidades, que a cultura e a mídia podem apresentar discursos e representações, no qual se estabelecem relações com o mundo. Discursos a favor dos direitos das mulheres são apresentados na mídia principalmente por manifestações artísticas.

2.2 HIPÓTESE DO AGENDAMENTO

A ideia de agendamento das notícias surgiu na década de 1970, através dos professores Maxwell McCombs e Donald L. Shaw. A hipótese foi criada para analisar o poder das mídias na opinião pública e conseqüentemente na política. Primeiramente, é importante esclarecer porque é uma hipótese, e não uma teoria como destaca Hohlfeldt (2001, p. 189): “uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que, se eventualmente não der certo naquela situação específica, não invalida necessariamente a perspectiva teórica”.

A hipótese aponta que a mídia é capaz de impor os temas que serão discutidos na sociedade. O que é julgado como relevante pelos meios de comunicação se materializa nos discursos dos consumidores de notícias. Uma vez que existem diversas pautas para serem abordadas, é evidente a relevância dos meios de comunicação para a seleção delas.

O que é comentado na vida cotidiana das pessoas é pautado através dos jornais, internet, rádio e televisão, que são as fontes de informações, que fazem uma espécie de classificação de notícias. O imaginário coletivo é criado por meio da imprensa, como salienta Hohlfeldt(2001, p. 63): “dependendo dos assuntos que venham a ser abordados - agendados - pela mídia, o público termina, a médio e

longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações”. McCombs (2009, p.18) complementa:

A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial na formação da opinião pública.

As seleções dos temas, aspectos e particularidades escolhidos pelo campo midiático influenciam no que será pensado pelo público, tendo um papel significativo na elaboração da opinião social. O público comenta diversos temas, porém só alguns atraem mais atenção. Os assuntos são selecionados e interpretados através da mídia. De acordo com McCombs (2009, p.18.):

O papel de agendamento desempenhado pelos veículos noticiosos é sua influência na saliência de um assunto, sua influência sobre se algum número significativo de pessoas realmente considera que vale a pena sustentar certa opinião sobre um assunto.

Muitos autores têm se manifestado sobre a hipótese da agenda e sua influência na sociedade, incluindo Traquina, que destaca as variações do agendamento de acordo com o que a mídia projeta. Segundo Traquina (1995, p.193), “o mundo parece diferente para pessoas diferentes, dependendo do mapa que lhes é desenhado pelos redatores, editores e diretores de jornal que o lêem”.

É importante notar a relevância do campo midiático na opinião pública, que precisa de orientação sobre assuntos, como observa McCombs (2006, p. 111):

Não temos na nossa cabeça o mundo tal como ele é, mas sim a imagem que fazemos dele. Formamos mapas sobre o entorno exterior. A necessidade de orientação é um conceito que explica o porquê de darmos sentido ao mundo que nos cerca, além de explicar a transferência de relevância da agenda midiática à pública.

Um exemplo dessa carência de orientação que McCombs (2009, p. 95) destaca diz respeito, por exemplo, às eleições, quando a sociedade precisa de informações da mídia para debater sobre os candidatos:

Durante uma eleição os eleitores frequentemente aprendem muito sobre seus candidatos e suas posições sobre os assuntos das notícias

da mídia e da propaganda política. Esta aprendizagem inclui a adoção de uma boa parte da agenda da mídia que tem relação direta conceitual acima sobre a necessidade de orientação dos eleitores.

O princípio de orientação também é assinalado por Traquina (2000, p.66) quando aponta: “Postulando uma curiosidade inata acerca do meio envolvente, a necessidade de orientação é o equivalente cognitivo da velha ideia de que “a natureza odeia o vazio”. Ainda de acordo com autor, houve um estudo que apresentou esta necessidade psicológica dos seres humanos em duas categorias, a de “relevância” e “incerteza”. Podemos observar a constituição dos grupos e suas necessidades a partir da relação estabelecida por Traquina (2000, p.67):

Grupo I: relevância elevada, incerteza elevada – elevada necessidade de orientação

Grupo II: relevância elevada, incerteza reduzida – moderada necessidade de orientação

Grupo III: relevância reduzida (por isso, relevância irrelevante) – reduzida necessidade de orientação

A partir das observações sobre a hipótese de agendamento, podemos registrar a relevância da teoria para a presente pesquisa, visto que a mídia traz efeitos significativos para a sociedade. A reprodução constante de notícias e reportagens que narram as iniciativas das mulheres pelo reconhecimento social alimenta o debate e a conscientização que irão contribuir para que essa situação se modifique.

2.3 MÍDIA E MÚSICA

Os meios de comunicação e a cultura vêm se transformando ao longo dos anos, geralmente buscando atender as demandas do mercado. Para compreender essas mudanças, apresentamos alguns fatos históricos relevantes.

O pesquisador Assis (2008, p.184) relata que os cadernos culturais surgiram para reunir textos sobre assuntos como artes e a outras pautas que os veículos de comunicação apontam como culturais. Ele lembra que, na década de 1970, houve um momento de transformações no jornalismo cultural, quando este também passou a dar relevância a assuntos populares, além da produção erudita.

Assis (2008, p.184) descreve que, com a popularização do jornalismo cultural, ocorreu a “transformação dos “segundos cadernos” dos jornais diários e as revistas semanais e especializadas em produtos prioritariamente pautados por agendamento”.

Na década de 1990, estudiosos debatiam o conceito já existente, através de “programas de discussões que apresentassem caminhos para se pensar nos reflexos provocados pela subdivisão da editoria e pelas demandas do mercado que se rende à indústria cultural e ao agendamento” Assis (2008, p.185).

Compreender a relação entre mídia e a cultura na sociedade e as suas transformações motiva muitas reflexões, já produzidas por pesquisadores. A mídia abrange diversos meios de comunicação, como televisão, rádio, jornais, revistas e internet, esses meios estão diretamente ligados à vida cotidiana das pessoas. Para Assis (2008, p. 185), a mídia foi se moldando de acordo com as necessidades da sociedade e, por sua vez, “a mídia foi convidada a se reorganizar para que pudesse atender a este público que não dispõe de muito tempo, no seu dia-a-dia, para dedicar-se à leitura de jornais, revistas e similares”. Kellner (2001, p.11) argumenta que a mídia vem servindo de pano de fundo e parece estar onipresente na vida das pessoas:

A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana. As pessoas passam um tempo enorme ouvindo rádio, assistindo à televisão, frequentando cinemas, convivendo com música, fazendo compras, lendo revistas e jornais, participando dessas outras formas de cultura veiculada pelos meios de comunicação. Portanto, trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades, algo que, segundo alguns, está minando a potencialidade e a criatividade humana.

Portanto, existe uma grande competição - entre os grupos sociais - pelo espaço privilegiado da cultura da mídia, pois através dele é possível influenciar muitos indivíduos. Kellner (2001) entende a cultura da mídia como um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos.

Cinemas, galerias de arte, teatros são exemplos de espaços socioculturais, mas a música é considerada uma das principais artes em todo o mundo, sendo importante influenciadora social. Através dela, são discutidas várias opiniões sobre diversos temas, entre os quais o feminismo.

Para construir embasamento histórico e teórico a respeito da mídia e música, apresentamos as reflexões de autores como Napolitano (2002, p.8) que, a respeito da música, observa: “sua gênese, no final do século XIX e início do século XX, está intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas”. O autor ainda reflete sobre a música como tradutora dos dilemas sociais:

A música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música. Não só a música brasileira, no sentido estrito, mas a partir de uma mirada local, é possível pensar ou repensar o mapa mundi da música ocidental, sobretudo este objeto-nãoidentificado chamado de “música popular. (NAPOLITANO 2002, p.5)

Blacking (2007) sustenta que a música pode ser estabelecida como “um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infra-estrutura da vida humana”. Então, podemos dizer que ela pode fazer refletir, mas também atua como método cultural na vida dos indivíduos. Blacking (2007) ainda observa que a palavra “música” está associada a “tipos ideais”:

Assim entendida, “música” pode encerrar tanto a enorme gama de “músi-cas” que os membros de diferentes sociedades categorizam como sistemas simbólicos especiais e tipos de ação social, como um quadro inato específico de capacidades cognitivas e sensoriais que os seres humanos estão predispostos a usar na comunicação e na produção de sentido do seu ambiente. A “música” é tanto um produto observável da ação humana intencional como um modo básico de pensamento pelo qual toda ação pode ser constituída. (BLACKING 2007, p. 202)

Blackink (2017, p 202) aponta ainda que: “As fontes de informação mais acessíveis sobre a natureza da “música” são encontradas, em primeiro lugar, na variedade de sistemas, estilos ou gêneros musicais que são atualmente realizados no mundo”. Existem diversos gêneros musicais que definem as suas categorias, entre eles: Forró, Jazz, Funk, Heavy Metal, Hip Hop, MPB, Música Clássica, Música Eletrônica e RAP, todas passam a sua mensagem. A música, muitas vezes, pode ser utilizada como forma de resistência à opressão como destaca Kellner (2001, p.228):

Os negros americanos têm tradicionalmente usado a música e a linguagem musical como forma privilegiada de resistência à opressão. O gospel surgiu como reação à opressão da escravidão, enquanto o blues expressava uma resposta ao racismo institucional, de tal forma que ambos refletiam o sofrimento produzido pela opressão e pela resistência a ela.

Focamos em um dos principais pilares artísticos, quando se fala em utilização da música para promover a resistência à opressão, o rap. Através deste tipo de composição, músicos expressam experiências, discussões e trazem à tona problemas da sociedade. Os produtores e compositores de rap procuram colocar a música como orientação para que jovens pensem de forma reflexiva e crítica.

2.3.1 RHYTHMANDPOETRY: RAP

Por meio da música tem sido possível criar debates e pautar assuntos sobre a luta do movimento negro, por exemplo. O rap vai além de entreter o público, passa a sua mensagem de reflexão como afirma Kellner(2001, p.230):

O rap põe os ouvintes diante de uma colagem de sons urbanos, combinado seleções de rádio, televisão, discos populares e outros sons conhecidos que, executados em altíssimo volume, são pontuados pelo discurso de vozes distintas e agressivas. A voz é muito importante, e as letras características transmitem experiências e, muitas vezes, mensagens. O rap é um modo de falar, e não de cantar, que frequentemente utiliza rimas complexas, embora não ortodoxas.

Rap significa *rhythmandpoetry* e surgiu na década de 1970, com início em Nova York (EUA) surgindo nas áreas periféricas. Entrou no Brasil, em 1986, quando teve as primeiras manifestações em São Paulo, conforme o portal Sua Pesquisa.com. Na década de 1990 começou a ser absorvido pela indústria musical e passou das periferias para o grande público. É importante reconhecer que o rap faz parte de um movimento político hip-hop, que inclui artes plásticas (grafite) e dança (break-dance), como apontam Hinkel, Maheirie e Wazlawick: (2009, p.06):

Traçar uma história crítica do Rap requer, em primeiro lugar, que este seja reconhecido não apenas como um gênero musical, mas como elemento constituinte de um movimento estético-político chamado Hip-Hop. Isto significa demarcar que o Rap teve seu desenvolvimento em constante diálogo com outras formas de expressão artística.

O rap é um gênero importante para população negra que, diante das dificuldades e das desigualdades, encontrou um meio de arte para se expressar e criticar a sociedade. Silva (1999, p.26-27) traz uma reflexão a respeito:

Foi nesse contexto que práticas culturais essencialmente urbanas consolidaram-se como forma de expressão artística e crítica política [...]. Jovens de origem afro-americana e caribenha reelaboraram as práticas culturais que lhes são características e produziram via arte a interpretação das novas condições socioeconômicas postas pela vida urbana.

Hoje, o rap vem ganhando mais visibilidade e crescimento do público que, agora, não é somente o público específico de periferia. Com este crescimento, o rap se tornou um produto relevante para os meios de comunicação, como enfatiza Deff (2018), no portal Uai. O contexto indica que mídia e a música juntas podem conduzir receptores a refletir sobre determinados temas, além da criação de identificação. Atualmente, algumas cantoras utilizam suas composições para passar mensagens, abordando questões que remetem ao empoderamento feminino. Mídia e música são ferramentas que podem ajudar a denunciar situações de violência e desigualdade

existentes.

Como foi destacado no subcapítulo “Hipótese de agendamento” no que diz respeito à importância de orientação necessária às pessoas, também é oportuna a reflexão sobre a forma de identificação que a música pode proporcionar. Casadei(2013, p.199) aponta que, além da música ser instrumento para identificação, também existe a “crítica musical que funciona tanto como um modo de divulgar as suas músicas quanto como disparadores de mecanismos de identificação em relação às suas causas políticas”. Aquina e Silva Júnior (2012, p. 251) destacam que a música liga os indivíduos a sociedade:

Em tal contexto, observa-se também que as informações relacionadas à música estão diretamente ligadas a fatores econômicos, sociais e culturais e passam a ser uma variante de grande peso no processo de construção da identidade, que entendemos como “a forma de os indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, a maneira como se veem e são vistos”, (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010), com maior ênfase no ciberespaço.

Visto que mídia, cultura e música são importantes fatores para divulgação e conscientização de questões sociais, podemos seguir para o próximo capítulo dedicado aos conceitos sobre feminismo e como este se manifesta através de composições musicais.

3 MÍDIA, MÚSICA E FEMINISMO NEGRO

A história do feminismo, especialmente a busca de reconhecimento social por parte da mulher negra e a relação destes movimentos com a mídia são os temas desenvolvidos nesta parte do trabalho. É importante contextualizar o feminismo, porque as conquistas vindas do mesmo justificam alguns comportamentos atuais. Apresentamos também a função e a representatividade de influências femininas na música e na mídia. Por fim, descrevemos o perfil da cantora Karol Conka.

3.1 FEMINISMO NO BRASIL

Há mais de mais de um século, surgiram os primeiros sinais do feminismo. O movimento pode ser dividido em três ondas importantes. As primeiras mobilizações em busca de igualdade de direitos entre os sexos começaram no final do XIX, início do século XX, quando as mulheres conquistaram alguns direitos, assim como o poder de voto, como declara Pinto (2010, p.15):

A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

A reivindicação do direito ao voto também fez parte da primeira onda do feminismo brasileiro. Segundo Pinto (2010 p.16), “as sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto”. Ainda na primeira onda é importante destacar a manifestação das mulheres nas indústrias, um movimento realizado pelas operárias de ideologia anarquista, na época as mulheres lutavam pelos seus direitos no ambiente de trabalho, de acordo com Pinto (2010, p, 16), que destaca: “Em manifesto de 1917, proclamam: se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes”.

A segunda onda feminista surgiu nos anos 60 e 70, quando as mulheres reivindicaram o direito ao corpo e o prazer. Santos e Brasil (2017, p.4) salientam o

marco que foi a obra produzida pela ativista Simone Beauvoir:

O Segundo Sexo, obra de Simone de Beauvoir publicada originalmente em 1949, é comumente citada como o marco inicial da segunda onda do movimento feminista, no final dos anos 1960 e a década de 70, uma vez que a célebre afirmação “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” foi abraçada tanto pela militância feminista como pela produção acadêmica da época, ressaltando a força das convenções culturais em torno dos papéis sexuais.

Na época, o Brasil vivia experiências de governos autoritários com o regime militar (iniciado em 1974), e o movimento feminista ocupou um papel significativo na luta pela igualdade de gênero, como também pela democracia do país. Pinto (2010, p.16) aponta momentos importantes do período:

O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador.

Pinto (2010, p.17) sustenta que o feminismo era visto pelo regime militar como ação política e moralmente perigosa. Lyra e Oliveira (2017 p. 05-07) esclarecem que a luta feminista se confundia com o movimento político, pois mulheres também participavam das organizações que o combatiam o regime militar sendo, inclusive, presas, torturadas e mortas:

Embora uma confluência de fatores tenha contribuído para a eclosão do feminismo brasileiro nos anos setenta, desde questões internacionais até mudanças de paradigma sobre a condição feminina nos anos sessenta não podemos esquecer que a situação era de Ditadura Militar e, nesse sentido, é importante registrar que muitas mulheres foram presas, torturadas e mortas nesse período, muitas das quais participavam de organizações políticas clandestinas. Várias narrativas nos mostram que o feminismo brasileiro que se desenvolve nos anos setenta carrega o envolvimento com as organizações políticas de esquerda que enfrentaram a Ditadura Militar. É um feminismo que se constrói dentro de um processo histórico no qual emergem necessidades gerais da sociedade.

Nos anos 1980, com a redemocratização, o feminismo no Brasil entrou em uma de luta pelos direitos das mulheres, incluindo diversos grupos, que tratavam de muitos temas, como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materna-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais, como salienta Pinto (2010, p.17). Foi no período mais sombrio da Ditadura Militar, sob o AI-5, que envolvia censura e repressão, que o movimento feminista se tornou um novo ator político no cenário nacional, como descreve Lyra e Oliveira (2017). A ditadura militar era antidemocrática, mas também antifeminista, como frisam os autores (2017, p.5): “Além de ser antidemocrática e de definir formas de apropriação de riquezas que ampliavam as diferenças de classe, foi também antifeminista, o que se aplica para todos os países que viveram sob o regime militar nos anos 70 e 80do século XX(PEDRO, 2010)”.

Os grupos feministas passaram a ter uma maior aceitação pela sociedade na década de 80, complementa Sarti (1998, p.8):

Nos anos 80 o movimento de mulheres no Brasil era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular.

As demandas trazidas pelas mulheres negras foram incorporadas pelo movimento feminista. Angela Davis, Bell Hooks, Kimberlé Crenshaw e Sueli Carneiro foram algumas das mais importantes ativistas do movimento, nesta época, que trouxeram para debate os gêneros associados às categorias de raça e classe, como Santos e Brasil (2017, p. 5), pontuam:

O feminismo negro norte-americano e o movimento brasileiro de mulheres, através de intelectuais e militantes como Angela Davis, Bell Hooks, Kimberlé Crenshaw e Sueli Carneiro, pontuaram os limites do feminismo em sua forma mais tradicional, mobilizado por mulheres brancas, europeias ou estadunidenses e de camadas economicamente privilegiadas.

As quatro militantes ganharam notoriedade pelas suas trajetórias:

Angela Davis: ativista do Movimento Panteras Negras, a filósofa se tornou conhecida no mundo como liderança do grupo que lutava pelos direitos dos negros norte-americanos na década de 1970. Sua história traz muita resistência e luta. Segundo a matéria especial do jornalista Paiva (2017), do portal Hypheness, Davis é uma figura símbolo da causa negra: “Nascida em Birmingham quando está ainda era uma cidade segregada, Angela cresceu em um bairro marcado pela monstruosa tradição de se explodir casas de famílias e igrejas nos bairros negros – preferencialmente com as famílias ainda dentro dos locais”. Paiva (2017) completa: “Quando fala sobre as forças racistas, os extremistas conservadores e as consequências do racismo, machismo e da desigualdade social, Angela Davis sabe o que diz”. Paiva (2017) ainda publicou um trecho de um dos discursos ativistas de Davis em sua reportagem:

A luta por liberdade do povo negro, que moldou a própria natureza da história desse país, não pode ser apagada com um gesto. Nós não podemos ser forçados a esquecer que a vida negra importa. Esse é um país ancorado na escravidão e no colonialismo, o que quer dizer, para o bem e para o mal, que a história dos EUA é uma história de imigração e escravidão. Espalhar xenofobia, atirar acusações de assassinatos e estupros e construir muros não vai apagar a história. (PAIVA 2017)

Figura 1 Angela Davis



Bell Hooks: a feminista, escritora, crítica cultural e ativista social estadunidense, é dona de diversas obras que propõe esclarecer questões raciais, de classe e gênero na pedagogia, na história da sexualidade e do feminismo e na cultura. Nascida em 1952 em Hopkinsville, uma cidade rural do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. De acordo com o jornalista Breda (2019), do portal Editora Elefente, hooks é “capaz de escrever palavras que doem como um soco no estômago, mas que são ditas com grande convicção, sinceridade e um estilo inconfundível”. A escritora já recebeu o prêmio “The American Book Award”, um dos maior prestígio dos Estados Unidos, na área literária. A reportagem apresenta uma fala da ativista relatando sobre a opressão vivida por mulheres negras:

Eles não entendem, nem imaginam, que as mulheres negras, bem como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações opressivas, muitas vezes se tornam conscientes da política patriarcal de sua experiência vivida à medida que desenvolvem estratégias de resistência — mesmo que isso não seja feito de forma sustentada ou organizada. (BREDA 2019)

Figura 2 Bell Hooks



Kimberlé Crenshaw: a americana conhecida por defender os direitos civis desenvolveu a teoria interseccional, estudo que aborda a relação entre identidades minoritárias e estruturas de opressão, entre outros temas relacionados. O portal Themis (2018) apresenta Crenshaw como:

Kimberlé Crenshaw é bastante reconhecida pela introdução do termo “interseccionalidade” no cânone, bem como pelo desenvolvimento teórico desta ferramenta de análise. Ela é professora em tempo integral na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School, onde se especializa em questões de raça e gênero. É também fundadora do Centro de Interseccionalidade e Estudos de Política Social da Columbia Law School e do Fórum de Política Afro-Americano, bem como do presidente do Centro de Justiça Interseccional, com sede em Berlim. (THEMIS 2018)

O estudo de Crenshaw promove uma reflexão de como identidades sociais, particularmente identidades minoritárias, se relacionam com sistemas e estruturas de opressão, dominação ou discriminação.

Figura 3 Kimberlé Crenshaw



Fonte: Themis

Sueli Carneiro: Sueli Carneiro: considerada uma personalidade negra e

feminista brasileira, é fundadora e atual diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra. Além de filósofa, ativista, criou o único programa de orientação específico para mulheres negras na área da saúde, atua na criação de cursos de cidadania para mulheres de periferia e participa ativamente de políticas públicas para a igualdade de gênero. Carneiro já recebeu os prêmios Bertha Lutz (2003), Benedito Galvão (2014), Direitos Humanos da República Francesa e Itaú Cultural (2017).

Figura 4 Sueli Carneiro



Fonte: Instituto da Mulher Negra

A terceira onda do feminismo apresentou como a opressão atinge as mulheres de forma diferente, visto que as mulheres brancas têm um lugar privilegiado perante as negras. A desigualdade não é somente social entre os sexos, mas também entre raças. A existência da escravidão no passado trouxe ainda mais desvantagem social para as mulheres negras, em relação às brancas, que resultam em danos até hoje. Davis (2016, p.17) faz uma reflexão sobre o assunto:

As mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida as mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório.

O feminismo negro vem com intuito de tentar reparar ao menos o máximo que conseguir esse desequilíbrio social. Segundo Ribeiro (2017, p. 13), "pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade". A autora ainda destaca:

[...] o "não lugar" de mulher negra pode ser doloroso mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes (RIBEIRO, 2018, p. 23)

Por consequência dessas distinções, que se fez indispensável o movimento, no qual mulheres negras puderam compartilhar experiências vividas somente por elas. Com o auxílio dos meios de comunicação que feminismo conquistou seu espaço para promover a luta pela igualdade de gênero e racial. No que diz respeito a esse espaço privilegiado Kellner (2001, p.54) afirma:

A cultura da mídia é também o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. Feministas e antifeministas, liberais, conservadores, radicais e defensores do status quo, todos lutam pelo poder cultural não só nos meios noticiosos e informativos, mas também no domínio do entretenimento.

Uma vez que a mídia possui um espaço privilegiado e um certo poder perante a sociedade, o feminismo ligado ao meio artístico pode exercer um papel de influência significativo para o desenvolvimento de comportamentos sociais. Kellner (2001, p 13) explana que é possível promover pautas que auxiliam em discussões relevantes para grupos oprimidos:

A cultura da mídia pode constituir um entre para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando atava coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo.

É importante pontuar que as lutas feministas vão se modificando de acordo com a época, de sociedade para a sociedade, de tempo em tempo. A busca pela igualdade

de gênero, os problemas relacionados, variam de tempo em tempo. A cada ano que passa, novas lutas vão surgindo, existe um momento de despertar, como pontua Gutiérrez (1985, p. 36-37): “Se as mulheres estão agindo de forma diferente, tanto em suas vidas particulares quanto no mundo, no trabalho fora de casa, é porque começaram a despertar. A luta é árdua e difícil porque se faz principalmente no interior das consciências”.

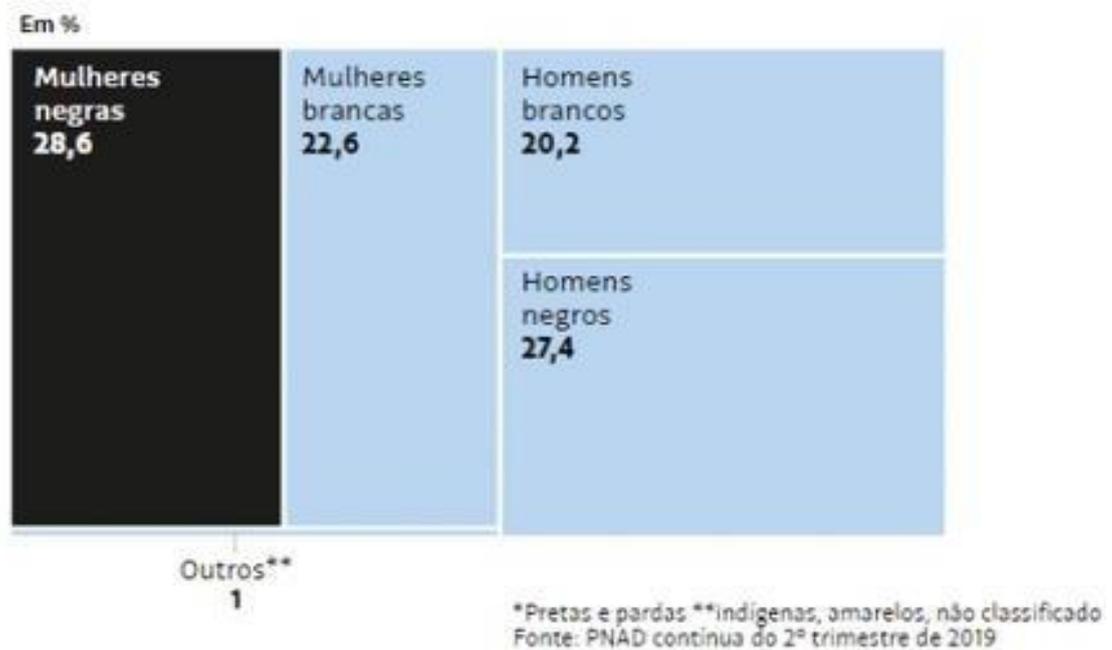
Hoje, se percebe um grande avanço nas questões sociais relacionadas às mulheres, mas que ainda precisam muito evoluir. Em entrevista para o portal Agência Brasil, a socióloga Blay (2017) sustenta que “o feminismo avançou muito ao longo dos anos, mas a consolidação dos direitos das mulheres no mundo nunca foi, de fato, consagrada. Na sociedade não existe, nunca [houve] uma consolidação. O que existe é sempre um processo”. A socióloga acrescenta:

Acho que vicemos um momento em que há várias forças em atuação. Evidentemente, quando você pega alguns grupos religiosos alguns indivíduos conservadores e muito conservadores, eles não admitem os avanços que nós conseguimos. Tem um aí que acha que a mulher tem que ser subserviente ao homem. Ou ele acha que o casamento entre homossexuais é uma aberração. Não concorda com o aborto mesmo em achos de anencefálicos. Até em coisas que já avançamos existem aqueles que querem voltar atrás. Por isso, acho muito importante a gente nunca perder de vista que o feminismo avançou, mas não consagrou os avanços. Você tem que estar sempre alerta porque senão volta para trás. Vide o Trump que, nos Estados Unidos, quem imaginaria que ia fazer as propostas tão retrógradas como está fazendo. (BLAY 2017)

Após esse breve contexto histórico sobre alguns períodos importantes do feminismo no Brasil, podemos seguir para o próximo subcapítulo, onde são apresentadas questões relacionadas a música e o empoderamento feminino, combinação que somente teve oportunidade de se estabelecer após a luta feminista, que continua até hoje.

3.2 MÚSICA E EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019 mostram que metade da população do Brasil é negra. As mulheres negras somam quase 60 milhões de pessoas —28% dos brasileiros, segundo a PNAD contínua do IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Superam os homens brancos em cerca de 17 milhões de pessoas.

Gráfico 1 - Composição da população brasileira em 2019 em percentual

Mas essas porcentagens não representam a igualdade entre as raças e gêneros em termos de oportunidades sociais e econômicas. Os cidadãos brancos têm os salários maiores, os menores índices de desemprego e são a maioria das pessoas com formação acadêmica. Os negros também estão longe de serem representados igualmente nas mídias. De acordo com o portal Folha de São Paulo, as mulheres negras protagonizam somente 7,4% dos comerciais. Os negros são raridade em propaganda do setor financeiro e não estão em 55% dos anúncios do setor de beleza. Segundo a pesquisa publicada no Instituto da Mulher Negra (Geledés), apenas 17% dos comerciais de TV protagonizados por mulheres são estrelados por negras. 83% das consumidoras negras afirmam que as mulheres das propagandas são muito diferentes delas.

Apesar de termos no Brasil a Lei Maria da Penha, a taxa de feminicídio ainda cresce no país. Em relação às mulheres negras, os números são ainda maiores, como ressalta o portal Geledés:

Em 2018, 1.206 mulheres foram vítimas de feminicídio, uma alta de 4% em relação ao ano anterior. De cada dez mulheres mortas, seis eram negras. A faixa etária da maioria das vítimas é entre 20 e 39 anos. Nove em cada dez assassinatos de mulheres são praticados por companheiros ou ex-companheiros. Apenas 4 dentre 100 mulheres assassinadas por feminicídio chegaram a fazer boletim de ocorrência.

A pesquisa, apresentada pelo portal Geledés, ainda salienta que o estupro bateu recorde no Brasil. Foram 66 mil vítimas de estupro em 2018, o maior índice desde que o estudo começou a ser feito em 2007. A maioria das vítimas (53,8%) são meninas de até 13 anos. Os dados mostram um aumento de 4,1% em relação a 2017. No Brasil, ocorrem em média 180 estupros por dia.

Todos esses dados só quantificam o tamanho da desigualdade vivida pelas mulheres, em especial as negras, que além do machismo, sofrem também com questões raciais. A música, muitas vezes, é utilizada como uma forma de protesto pelas mulheres, de denúncia e de promoção feminina. Cortez e Souza (2008) definem o empoderamento como a conscienciadas condições sociais que se encontra o indivíduo e a necessidade de que as circunstâncias se modifiquem, seja através de mudanças em um contexto público, como inserção em cargos, educação não sexista e serviços de saúde adequados, além de contextos mais específicos, como o aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, entre outros. Em harmonia com Cortez e Souza (2008), Butler (2003, p. 18) acrescenta:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada.

O empoderamento feminino negro quando é destacada pelas composições musicais, mais precisamente pelo rap, no qual é um lugar de demonstração de resistência à opressão, ele ganha ênfase. Essa junção se torna, um fator prestigioso de visibilidade e exerce o papel de identificação para as mulheres. No momento que a cantora utiliza o rap para dar relevância a assuntos como violência contra a mulher, opressão, racismo, misoginia, autoestima, entre outros, as mulheres negras que estão em situação de opressão se sentem representadas. Kellner (2001, p 239) observa que “há um forte componente de identificação grupal no rap, onde é possível encontrar a própria identidade dentro de comunidades mais amplas”. O autor completa afirmando que o rap estabelece uma cultura de resistência em oposição a supremacia de manifestação musical e cultural, além de apresentar várias maneiras de resistência no cotidiano, por meio da expressão, seja pelo modo de ser, atitudes ou relações sociais.

Por muito tempo as cantoras vêm lutando por seus direitos, levantando a bandeira feminista em suas composições, podemos citar alguns exemplos como Karol Conka, Iza, MC Karol, Elza Soares e MC Soffia.

Conforme publicado no portal Yahoo Notícias, site que contém análises e reportagens sobre entretenimento e perspectivas de raça, classe, gênero e sexualidade, assinado pela jornalista Giorgia Cavicchioli, a cantora, KarolConka é uma das grandes representantes feministas brasileiras.

Karol Conka

A cantora arrasa com suas músicas dançantes, divertidas e provocadoras. Elas são ideais para curtir na balada com as amigas. Porém, Karol tem um recado bem importante sobre empoderamento em suas músicas.

Além disso, ela sempre se posiciona em relação ao racismo e ao machismo em todas as oportunidades que tem. Um grande exemplo para todas as mulheres que querem melhorar a autoestima e o posicionamento diante das injustiças.



Figura 5 Yahoo Conka

A cantora de 32 anos, nascida em Curitiba, traz em suas músicas um recado bem importante sobre as causas femininas. Conka a todo o momento se posiciona contra o racismo e o machismo, para a mensagem seja passada para todas as mulheres que querem melhorar a autoestima e o posicionamento diante das injustiças. Um grande exemplo das suas canções é a “Você não vai”, lançada em 2013.

Você não vai (KarolConka)

Você me subestima, eu continuo nem aí
 Vivo na brisa e o que me incomoda deixa de existir
 Se apavora ao ver que cada vez mais posso progredir
 Passa, ignora e percebe que não tem pra onde fugir
 Vejo você cair, querendo admitir

Que o meu processo apesar de ser lento pode fluir
 Herdeira dos meus ancestrais, cultivando a paz que o verde me traz
 Espalho minha mensagem e nada mais
 Você parece que esquece que eu não uso estepe
 Meu poder é black
 Te provo tudo isso no rap
 Se duvida aperta o rec, beat do nave me aquece
 Vou bebendo um domecq, enquanto meu flow te enlouquece
 Você demorou muito tempo pra perceber
 Que ficar me julgando só te levou a perder
 Nessa vida não basta querer ser
 Tem que tá na veia, saber fazer
 Mas você se distrai, confunde o meu valor
 Sai falando demais, fica puto enquanto eu vou
 Pronde você não vai, você não vai
 Pronde você não vai, você não vai (CONKA, 2013)

A música expõe mensagens de encorajando, enaltecendo o valor feminino, inspirando e ensinando de uma maneira clara e direta. Isabela Cristina Correia de Lima e Lima, mais conhecida pelo seu nome artístico Iza, 29 anos, nascida no Rio de Janeiro, também é uma artista que traz mensagens de autoestima para as mulheres. Uma das suas composições “Dona de Mim”, lançada em 27 de abril de 2018, virou hit, atualmente, muito tocada em rádios. A música se estabeleceu como um novo hino feminista, como se refere à jornalista Cavicchioli (2019), no portal Yahoo Notícias. A cantora expressa como as mulheres são as protagonistas de suas próprias histórias e existências.

A prova disso é que a cantora sempre dá muita atenção e carinho para as meninas negras que querem tirar fotos com ela ou pedir alguma palavra de apoio. Além disso, sua música Dona de Mim ficou conhecida como um novo hino feminista. Nele, a cantora mostra como as mulheres são as protagonistas de suas próprias histórias e existências.



Figura 6 Iza

Dona de Mim (Iza)

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não
Sempre dou o meu jeitin
É bruto, mas é com carin
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim que agora eu digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me... (IZA, 2018)

Carolina de Oliveira Lourenço, mais conhecida pelo seu nome artístico MC Carol, é cantora, compositora e ativista brasileira. Conforme Jade Maddox, no portal Multimodo BR, importante site sobre música que tem como objetivo, dar mais visibilidade aos artistas e à música que é feita no Brasil, a MC traz em suas composições problemas sociais que agredem a realidade da vida nas favelas, com autenticidade ela motiva a luta das mulheres com letras fortes. Diretamente dos bailes funks do Rio de Janeiro, MC Carol conquistou seu espaço na música sem medo de qualquer tipo represália.

Figura 7 MC Carol

1. MC Carol



Diretamente dos bailes funks do Rio de Janeiro, **MC Carol** traz em suas músicas, os problemas sociais que remetem a realidade da vida nas favelas cariocas e com sinceridade e autenticidade, fala sobre empoderamento feminino com letras fortes e verdadeiras. Com canções como **100% Feminista** e **Meu Namorado É Maior Otário**, ela conquistou seu espaço na música sem medo de qualquer tipo represália.



Uma das canções, intitulada “Marielle Franco”, com participação de Heavy Baile, é um manifesto contra a opressão vivenciada pelas mulheres negras. A composição homenageia a ativista assassinada em uma emboscada, em 2018, Marielle Franco, que foi vereadora, socióloga e ativista de direitos humanos, presidente da Comissão da Mulher na Câmara do Rio e integrava a comissão que investigava abusos das Forças Armadas e da polícia durante a intervenção federal na área da Segurança Pública do Estado.

Marielle Franco

Vocês querem nos matar, nos controlar
 Vocês não vão nos calar
 Mesmo sangrando a gente vai tá lá
 Pra marchar e gritar
 Eu sou Marielle, Cláudia, eu sou Marisa
 Eu sou a preta que podia ser sua filha
 Solidariedade, mais empatia
 O povo preto tá sangrando todo dia
 Eu não aguento mais viver oprimida
 Nesse país sem democracia

Eu tô me sentindo acorrentada, desmotivada
Eu também naquele carro fui executada
Eu tenho ódio, pavor, eu sinto medo
A escravidão não acabou, estão matando os negro
Estão cansado de ser esculachado, roubado
Oprimido, preso, forjado
Preto aqui não tem direitos, não tem direitos
Mulheres pretas aqui não têm direitos, não têm direitos
Temos que aguentar a dor
Sou obrigada a parir o filho do meu estuprador
O poder é opressor, manipulador
Eles batem até em professor
Nem sempre eu sou tão forte
Mas vou tá lá gritando contra a morte
Gritando contra o poder machista branco
Presente hoje e sempre, MarielleFranco
Preto aqui não tem direitos, não tem direitos
Mulheres pretas aqui não têm direitos, não têm direitos
Preto aqui não tem direitos, não tem direitos
Mulheres pretas aqui não têm direitos, não têm direitos (MC CAROL, 2019)

A jovem MC Soffia é apontada como representante do delegação de poder feminino. O portal Yahoo Notícias evidencia que a menina negra de apenas 15 anos, nascida em São Paulo, usou seu lugar de fala para empoderar outras garotas. Soffia ficou reconhecida pela sua composição intitulada “Menina Pretinha”, lançada em 2016. Na música, ela transmite uma mensagem de autoestima e amor próprio para as outras meninas. Segundo o portal Yahoo Notícias: “A intenção de Soffia continua até hoje em suas músicas e atitudes. Ela sempre faz questão de trabalhar o empoderamento social em suas obras e atividades”.

Figura 8 MC Soffia**MC Soffia**

A jovem Mc Soffia começou suas composições ainda criança. Na posição de menina negra, ela usou seu lugar de fala para empoderar outras meninas. A cantora ficou famosa com a música Menina Pretinha. Na canção, ela mandava um recado de autoestima e amor próprio para as outras jovens negras que ouviam a música. A intenção de Soffia continua até hoje em suas músicas e atitudes. Ela sempre faz questão de trabalhar o empoderamento negro em suas obras e atividades.

**Menina pretinha**

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha
 Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha
 Devolva minhas bonecas
 Quero brincar com elas
 Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?
 Vou me divertir enquanto sou pequena
 Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
 Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
 Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
 Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha
 O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha

Sou criança, sou negra
 Também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou, paciência
 Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra
 Também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou, paciência
 Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha
 Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha (MC SOFFIA, 2016)

Uma das pioneiras na junção música e lutas femininas negras é Elza Soares. Com 82 anos, nascida no Rio de Janeiro, a cantora é apontada pelo portal MultimodoBR como: “A Cantora do Milênio, ela carrega suas marcas do corpo e a história da mulher que teve uma vida sofrida, estigmatizada e com muitas dificuldades. Desde a juventude perdida até a violência física”.

Figura 5 Elza Soares

5. Elza Soares



E é claro que não poderia faltar a diva. Digna de muita reverência e aplausos, **Elza Soares**, considerada a **Cantora do Milênio**, carrega nas marcas do corpo a história da mulher que teve uma vida sofrida, estigmatizada e com muitas dificuldades. Desde a juventude perdida até a violência física, Elza trouxe em seu último álbum **A Mulher do Fim do Mundo** (2015), um grito contra a violência a mulher com a canção **Maria da Vila Matilde**.

Um de seus álbuns de destaque é “A Mulher do Fim do Mundo”, lançado em 2015, considerado um verdadeiro grito contra a violência a mulher na música “Maria da Vila Matilde”:

Maria da Vila Matilde

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo
 Se você se aventurar
 Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguixguixguixguix
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim...
 E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu braço
 Entrego teu baralho
 Teu bloco de pule
 Teu dado chumbado
 Ponho água no bule
 Passo e ainda ofereço um cafezim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim (SOARES, 2015)

Através de expressões artísticas, como das cantoras apresentadas, a música pode auxiliar nas questões que buscam trazer autonomia, autodeterminação e empoderamento social para as mulheres oprimidas que, desta forma, se sentem representadas nas composições.

3.3 PERFIL DA KAROL CONKA

Karoline dos Santos Oliveira, popularmente conhecida como KarolConka, é uma rapper, cantora e compositora brasileira, além de atriz, produtora, modelo e apresentadora. Conka nasceu em uma família humilde em Curitiba (Paraná), mas atualmente reside em São Paulo. Ela começou a fazer rimas ainda no colégio. Após algumas parcerias, encontrou no produtor curitibano Nave, autor de produções com

Emicida, Kamau, Marcelo D2, entre outros artistas nacionais, o som que casou perfeitamente com a sua proposta de fazer um rap com sonoridade universal, aliando batidas pesadas a timbres orgânicos. (CONKA, 2019).

Segundo a reportagem assinada pela jornalista e escritora, Gennari (2017), divulgada no Huff Post Brasil, portal que expõe notícias e opinião sobre política, sociedade, entretenimento e aborda questões de diversidade, a paranaense veio de uma família sem nenhuma ligação com a música. A mãe a inspirou por ser seu grande exemplo de mulher e feminista, pois escrevia poesias o que influenciou a rapper, desde criança, a também redigir versos.

Figura 10 Huff Post Brasil



Em 2011, ela conquistou visibilidade, quando lançou seu primeiro single, "Boa Noite". Após lançar o álbum de estreia, seus três clipes oficiais já somavam mais de 1,5 milhão de visualizações no Youtube. Em abril de 2013, a cantora lançou seu primeiro álbum, "BatukFreak", com o qual alcançou mais de 20 mil downloads em

menos de uma semana. Em 2018, Conka lançou o seu segundo disco "Ambulante" que conta também com os as músicas Kaça, Vogue do Gueto e Saudade. (CONKA, 2019).

Conforme Gennari (2017): "A cantora se tornou um símbolo de resistência para as mulheres negras. Conka não apenas canta, mas se posiciona politicamente em busca do empoderamento de mulheres negras e da importância do amor próprio e autoestima". Santos e Brasil (2017, p.6-7) completam apresentando algumas produções relevantes de Conka:

Lançando músicas soltas em plataformas digitais como o Myspace desde 2011, ela já havia emplacado a música "Gandaia" em festas de blackmusic antes de alcançar notoriedade com o hit "Tombei", sua canção de maior apelo popular e sucesso nas rádios. Seu videoclipe foi lançado em 2015 pela plataforma Skol Music, ligada ao grupo Ambev, e em 2016 se tornou tema de abertura de "Chapa Quente", série cômica da Rede Globo. Mais interessante ainda, essa música deu nome a um movimento que mobiliza jovens negros e militantes em redes sociais, o chamado "tombamento", que envolve a ideia de chamar a atenção de forma ousada, com a intenção de chocar ou deixar alguém sem resposta, embasbacado, diante de um discurso, resposta, look ou atitude.

Em entrevista à Gennari (2017), a rapper comenta sobre a importância do feminismo para as mulheres: "Além de ser libertador, o feminismo serve para buscar mudanças que precisam ser feitas na sociedade. Ele é essencial para formação das crianças, deveria ser ensinado na escola, tinha que estar nos livros que são lidos nas salas de aula". Conka ainda acrescenta comentando sobre o papel de suas produções para s mulheres:

É muito importante ter esse tipo de música porque existem muitas meninas frustradas precisando de uma palavra de conforto. E a mídia e a sociedade reforçam esse padrão e criam pessoas frustradas. Eu já passei por isso. Quando eu era mais nova, me sentia muito mal por ser diferente. Por isso, resolvi escrever músicas que ajudassem outras meninas que sentiam a mesma coisa que eu. Acredito que quando a gente ouve uma música com palavra de conforto, de alguém que te entende, a gente pode se sentir melhor (GENNARI, 2017).

Atualmente, a cantora é uma das maiores representantes femininas do rap no Brasil. Ela apresenta a realidade da mulher negra através de suas músicas e de seus posicionamentos. Em março de 2019, Conka concedeu uma entrevista para Leonardo Torres, colunista do portal Popline, no qual comentou: "Quando eu falo em cicatrizar feridas, são as feridas de outras pessoas, que escutam minha música e encontram nela um motivo para continuar de cabeça erguida". Ela também declarou: "Eu pego minhas experiências pessoais e coloco na minha música, querendo levar solução para quem precisa", Torres (2019). Conka, hoje, ainda desenvolve e instiga o seu público

com suas músicas empoderadas, por esse contexto social que decidimos escolher Karol Conka como objeto de estudo da presente monografia. No próximo capítulo, são apresentadas análises de algumas composições e também da imagem da rapper na mídia.

4 DISCURSO FEMINISTA NAS MÚSICAS DE KAROL CONKA

O quarto capítulo da vigente monografia busca compreender e analisar – no primeiro subcapítulo, as músicas, “É o poder” e “100% feminista” da KarolConka e o discurso feminista da cantora apresenta nessas composições.

O segundo subtítulo descreve a narrativa e a comparação das reportagens em torno da rapper e seu discurso, por meio dos objetos de estudo, os portais Folha de São Paulo e O Globo, investigando a cobertura jornalística dos mesmos.

A escolha dos portais Folha de São Paulo e O Globo se deve à importância dos mesmos, pois são dois grandes representantes da mídia brasileira.

Para executarmos o presente estudo, adotamos a técnica de análise de conteúdo. Bardin (1977, p. 31) descreve a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. De acordo com Bardin (1977, p.31): “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Fonseca Júnior (2006, p.280) compreende que a análise de conteúdo como “um método de ciências humanas e sociais dedicada à investigação de fenômenos simbólicos por meio de diversas técnicas de pesquisa”. Desta forma, a técnica nos possibilita investigar em um campo amplo de pesquisa, para que possamos construir uma contextualização coerente apta a sustentar o estudo.

Para Fonseca Júnior (2006, p.286), “a análise de conteúdo ocupa-se basicamente da análise de mensagens, o mesmo ocorrendo com a análise semiológica ou análise de discurso”.

A exploração dos conteúdos associadas à KarolConka são essenciais para a pesquisa, porque contribuem para a interpretação da imagem e representatividade que propomos investigar, com enfoque em questões sociais como o empoderamento feminino e feminismo negro.

Através desse método, observamos as composições da cantora analisando o discurso que ela transmite por meio das letras. De que forma ela reproduz a mensagem feminista e como ela motiva outras mulheres por intermédio das suas canções e atuação na mídia. Para isso executamos uma análise das músicas “100% Feminista” e “É o Poder”, fundamentando com a metodologia de análise de conteúdo.

Para interpretarmos a representatividade da rapper na mídia, analisamos a imagem atribuída a ela nas reportagens publicadas nos portais Folha de São Paulo e O Globo, nos apoiando, também, na técnica de análise de conteúdo. Conforme Fonseca Júnior (2006, p.287), “não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso”.

Para realizar a análise, seguindo as recomendações de Bardin, selecionamos as seguintes categorias para a análise desta monografia:

1. Posicionamento de KarolConka nas composições, compreendendo:

a. Problemas que KarolConka trata nas composições (violência, falta de oportunidades para mulher, baixa autoestima, questões da estética feminina negra, injustiça social, etc).

b. Drama pessoal ou coletivo (questões abordadas são pessoais ou das demais mulheres) e qual a visão sobre a mulher: Vítima? Dona do seu destino?

c. Como a rapper procura motivar as mulheres nas canções

d. Direção de suas críticas: Visam a sociedade? O homem? O poder público?

2. Imagem da rapper na mídia

a. Perfil da cantora construído nos textos selecionados (como a cantora é apresentada)

b. Como a mídia relaciona a rapper com as lutas feministas e de raça

A escolha dessas categorias apresentadas acima tem o objetivo compreender a representatividade de KarolConka acerca do feminismo e empoderamento feminino.

4.1 ANÁLISE DAS COMPOSIÇÕES DA CANTORA KAROL CONKA

Uma vez que a rapper KarolConka dispõe de uma coleção ampla de músicas relacionadas ao nosso tema de estudo, escolhemos duas composições que representam o posicionamento da cantora referente a questões sociais como o empoderamento feminino e problemas raciais. A respeito dessa temática em entrevista à jornalista, Anna Rombino, para o portal Estadão a Conka relatou:

Acredito que o feminismo propõe igualdade para todos e serve para a mulher parar de ser vista como frágil, mas muita gente deturpa o real significado do movimento. Semana passada, um cara me falou que as

feministas querem dar função para os homens e não é nada disso. Tudo o que uma mulher menos quer é ter que ficar dando função para um cara que não faz nada. Ela só não quer ser diminuída. Tem gente que fala: 'não curto a KarolConka porque ela é feminista'. Eu sou mesmo, aprendi com a minha avó, que apanhou pra caramba na vida. Se não fosse ela, talvez eu não estaria aqui com essa força. (CONKA, 2016).

4.1.1 MULHERES NO COTIDIANO

Em outubro de 2016, Conka lançou a música “100% Feminista”, em parceria com MC Carol e produzida pelo carioca Leo Justi e pelo duo Tropkillaz. A letra retrata situações de opressões sofridas por mulheres no cotidiano, inclusive na sua família, o que é exposto já na primeira frase. A composição tem um tom de desabafo com a cantora revelando que adquiriu consciência do que é ser mulher no mundo onde cresceu ainda aos cinco anos, como se pode ver nos versos que seguem na íntegra.

100% Feminista (KarolConka – MC Carol)

Presenciei tudo isso dentro da minha família
 Mulher com olho roxo, espancada todo dia
 Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
 Que mulher apanha se não fizer comida
 Mulher oprimida, sem voz, obediente
 Quando eu crescer, eu vou ser diferente
 (Refrão) Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Represento Aqualtune, represento Carolina
 Represento Dandara e Xica da Silva
 Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
 Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo
 Minha fragilidade não diminui minha força
 Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça
 Sou mulher independente não aceito opressão
 Abaixa sua voz, abaixa sua mão!
 Mais respeito
 Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto
 Se 'tavam querendo peso, então toma esse dueto
 Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona
 Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona
 Me ensinaram que éramos insuficientes
 Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente

(Refrão)

Represento Nina, Elza, Dona Celestina

Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina

Tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei

Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis

A falta de informação enfraquece a mente

Tô no mar crescente porque eu faço diferente (CONKA, CAROL, 2016)

No trecho: “Presenciei tudo isso dentro da minha família. Mulher com olho roxo, espancada todo dia. Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia”, podemos observar que o tema da composição é a violência sofrida por mulheres da sua família. A música relata sua história pessoal, mas que contempla o drama de toda mulher que “apanha se não fizer comida, mulher oprimida, sem voz, obediente”.

As produtoras são explícitas ao afirmar “represento as mulheres, 100% feminista, represento Aqualtune, represento Carolina, represento Dandara e Xica da Silva”, mulheres consideradas heroínas que marcaram a luta feminina em questões sociais, como Nina, Elza, Dona Celestina, Zeferina, Frida Kahlo e Dona Brasilina. Conforme Santos e Brasil (2017, p.9), a letra dialoga com importantes mulheres que são influências históricas brasileiras, “como a líder da resistência de negros escravizados Dandara, a princesa do Congo Aqualtune, considerada a avó materna de Zumbi dos Palmares, a escritora Carolina Maria de Jesus, que imortalizou em seus diários o cotidiano das favelas cariocas na primeira metade do século XX”.

Além da identificação com a opressão sofrida por todas as personagens citadas, as compositoras não apenas denunciam a violência que atingem o seu gênero, mas sugerem a reação apesar das amarras como neste trecho onde se posicionam: “Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto, se ‘tavam querendo peso, então toma esse dueto, desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona”.

Mesmo que tenham sido “ensinadas que éramos insuficientes”, ao destacar que representam tantos nomes fortes como “Nina, Elza, Dona Celestina, Zeferina, Frida, Dona Brasilina”, elas mostram inconformismo e reclamam “tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei” e também dizem que querem fazer diferente.

Nota-se ainda versos claros e motivadores em relação ao comportamento feminino negro, como “sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro, forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo, minha fragilidade não diminui minha força”. Neste trecho, as autoras buscam valorizar seu gênero, a pele e o cabelo em tom de confronto e elevando a autoestima das mulheres negras.

Conka e MC Carol retratam o preconceito existente na sociedade, mas criticam

e mostram que as mulheres precisam resistir e serem fortes “Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente”. A música destaca problemas da sociedade, apresentando que ainda existe uma desigualdade de gênero e raça.

Outro ponto importante da composição que podemos analisar é no trecho: “Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça. Sou mulher independente não aceito opressão. Abaixa sua voz, abaixa sua mão!”, Conka e MC Carol indicam reação, pois não querem “lavar a louça”, símbolo da posição social da mulher na cozinha da casa. Declaram a independência, se rebelam contra a opressão e, embora não explicitem quem é a figura opressora, o cenário descrito indica que o homem é o agressor. “Abaixa sua mão!” é a voz forte de quem não aceita mais a subordinação e a injusta, como é destacado no verso a seguir: “Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona. Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona. Me ensinaram que éramos insuficientes”.

Depois da crítica ao homem e à sociedade desigual e injusta, a última frase mostra que há expectativa do futuro ser diferente, mas de que para isso acontecer as compositoras contam apenas com suas próprias forças: “Tô no mar crescente porque eu faço diferente”.

4.1.2 SOCIEDADE EM CHOQUE

Conka também é responsável pela composição “É o Poder”, lançada em 2015, produzida pela gravadora Tropkillaz. Sem parceria na composição, a rapper traça 36 linhas de crítica e mensagens que são dirigidas à sociedade, como expões já no início: “sociedade em choque, eu vim pra incomodar”. Com este recado direto, ela começa se posicionando e dizendo que não teme julgamentos a seu respeito especialmente de “juiz de internet”. Na letra, a rapper exige ser respeitada e ouvida.

É o Poder (KarolConka)

Sociedade em choque, eu vim pra incomodar
 Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar
 Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim
 Se equivocou
 Fui eu quem criei, vivi, escolhi, me descobri
 E agora aqui estou
 Não aceito cheque, já te aviso: não me teste
 Se merece, então não pede pra fazer algo que preste

Quem é ligeiro investe, não só fala, também veste
 Juiz de internet caga se espalhando feito peste
 Se não tá no meu lugar então não fale, meu, não fale
 Se for fazer pela metade não vale, não vale
 Eu vivo com doses de só Deus que sabe, o resto ninguém sabe
 Quebro tudo pra que todos se calem
 Quem vem, só quem tem coragem vai
 Já falei que quem nasceu pra ser do topo nunca cai
 O medo é de quem, hein?
 Olha quem ficou pra trás
 E a vida segue, segue e o tempo não volta mais
 É o poder o mundo é de quem faz
 Realidade assusta todos tão normais
 Viu? Falei
 Depois não vem dizer que eu não avisei
 (Hãnhã) só não vem dizer que não (Hãnhã)
 Só não vem dizer que não (Hãnhã)
 Só não vem dizer que não (Hãnhã)
 Só não
 Eles não sabem o que dizem
 Não aguenta então não fica em
 Eles não sabem o que dizem
 Não aguenta então não fica em
 Se tem uma coisa que me irrita é ver bocas malditas
 Dizendo mentiras sobre minha vida
 Coisas que eu nem vivi ainda, eita!
 Frustrados, pirados na cola já perdi a hora
 Preciso ir embora alguém me espera lá fora, me deixa (CONKA, 2015)

No trecho “Sociedade em choque, eu vim pra incomodar. Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar” a cantora se posiciona de uma maneira resistente contra a sociedade opressora, situações de preconceito e destaca que é preciso que os opressores se acostumem a respeitar. A música é ainda uma resposta às pessoas que utilizam a internet para publicar mensagens de ódio, conhecidos popularmente como “Haters”. Rebs (2016, p. 2516) define o termo como:

O termo hater (da palavra “ódio” em inglês) tem a sua origem da expressão popular da internet “hatersgonnahate”. O sujeito que se enquadra neste grupo é conhecido popularmente como “o odiador”, “aquele que odeia”. Entretanto, mais do que isso, para ser um hater é preciso não apenas odiar algo ou alguém, mas também desenvolver ações violentas que se concretizam em ataques supostamente gratuitos a certas pessoas (que, na maior parte dos casos, não parecem ter feito mal nenhum ao odiador).

Podemos observar que a letra traz versos que retratam a indignação da cantora com esses “odiadores da internet”, problema esse que atinge não só ela, mas todos que julgado pelos “haters” não merecem o devido respeito como os demais, como no

trecho a seguir “Juiz de internet caga se espalhando feito peste.

Se não tá no meu lugar então não fale, meu, não fale. Se for fazer pela metade não vale, não vale”. No dia 08 janeiro de 2019, em entrevista para Fabiane Pereira no canal Papo de Música, a rapper fez uma provocação aos haters:

Se você não gosta de uma coisa, você não fica ali. Se não gosto de um drink, não vou tomar e nem preciso sair falando pra todo mundo. Quando gosto e não quero assumir, eu fico falando daquilo. O hater é bem-vindo na minha vida, porque o ódio é o amor ao contrário. Se o hater desperdiça o tempo dele só pra me xingar, pra me criticar, eu acho lindo, porque está pensando em mim”. (CONKA 2019).

A compositora não só faz as provocações citadas, mas também apresenta um caminho motivador. No verso: “Já falei que quem nasceu pra ser do topo nunca cai. O medo é de quem, hein? Olha quem ficou pra trás. E a vida segue, segue e o tempo não volta mais. É o poder o mundo é de quem faz. Realidade assusta todos tão normais. Viu? Falei”, afirma ressaltando seu poder de mulher negra que é capaz de resistir a qualquer problema com muita força.

A rapper provoca uma reflexão sobre preconceito e manifestações inconsequentes de algumas pessoas, como nas frases: “Se tem uma coisa que me irrita é ver bocas malditas. Dizendo mentiras sobre minha vida. Coisas que eu nem vivi ainda, eita! Frustrados, pirados na cola já perdi a hora. Preciso ir embora alguém me espera lá fora, me deixa”, como se estivesse afrontando as pessoas preconceituosas.

Outro ponto que podemos observar é no trecho: “Eles não sabem o que dizem. Não aguenta então não fica em. Eles não sabem o que dizem. Não aguenta então não fica em”, apesar de todo preconceito vivido, Conka parece perdoar os que criticam ela e as pessoas que sofrem com opressão. A cantora faz também menção à religião, como apresenta no verso: “Eu vivo com doses de só Deus que sabe, o resto ninguém sabe”, reafirmando a religião dentro da narrativa.

A canção representa a capacidade de resistência da cantora. Fazendo uma crítica às pessoas da sociedade que a julgam constantemente.

4.2 CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: COMPARAÇÃO DAS ENTREVISTAS DE KAROL CONKA

Para compreendermos como é a representatividade de KarolConka em coberturas jornalísticas, analisamos duas entrevistas, uma publicada na Folha de São Paulo e outra no portal O Globo, dois portais online nacionais que dispõem de uma

grande circulação no Brasil. Através das entrevistas investigamos a construção do perfil da cantora, a estrutura do texto. Para Dantas e Moraes (2011, p.24): “A pertinência do sexo é um fato social que deve fazer parte das análises sociais, afinal, se é da natureza quem determina a que sexo se pertence, é a sociedade que determina as formas de comportamento de cada sexo e quanto poder cada um dispõe”. O ponto central da análise é como a mídia relaciona a cantora com as lutas de gênero e raça.

4.2.1 ENTREVISTA À FOLHA DE SÃO PAULO

A entrevista da cantora para a Folha de São Paulo (online), em 2014, foi realizada pelo jornalista Elvis Pereira. Logo no início do texto, a rapper já é apresentada como uma artista de destaque na área na qual atua: “O nome de Karoline dos Santos Oliveira é mencionado como um dos destaques da nova geração do rap nacional”. Além de ser mencionado como uma pessoa bem-humorada e vinculada a questões sobre gênero e machismo, como na seguinte frase: “Ela fala sobre o estilo musical dela, as dificuldades na carreira, discriminação e a expansão das mulheres em um gênero tido como machista”.

Em formato de perguntas e respostas, com exatamente doze questões e uma breve apresentação sobre a cantora, à entrevista com o título: “A minha música funciona como um remédio diz a rapper KarolConka”, está localizada na seção “site Folha de São Paulo”.

Figura 11 Folha de São Paulo

The screenshot shows the top of the Folha de São Paulo website. The header includes the logo 'FOLHA DE S. PAULO' with a subtext 'Assine a folha', the main logo 'saopaulo' with 'A REVISTA DA FOLHA' above it, and a search bar labeled 'BUSCAR'. Navigation links include 'Noivas & Casamentos', 'Serviços', 'Descubra SP', 'O Melhor de saopaulo', 'Viaja saopaulo', and 'Reportagens'. Below the header is a row of shoe images and a 'Calçados Vicenza' advertisement. The main article title is 'A minha música funciona como um remédio', diz a rapper Karol Conká'. The author is 'ELVIS PEREIRA DE SÃO PAULO' and the date is '21/12/2014'. The article text discusses Karoline dos Santos Oliveira's music career and her views on machism. To the right of the article is a 'CARRANO' shoe advertisement featuring three styles: 'Scarpin Slingback em Couro Havana', 'Mule Nobuck Marrom', and 'Scarpin em Couro Lizard Marrom'. Below the advertisement is a 'leia também' section with a photo of KL Jay and the text: 'Não precisamos ficar provando mais nada', diz KL Jay, dos Racionais.

A rapper não se intimida com perguntas e seu posicionamento é sempre contextualizado com assuntos sobre feminismo e raça. Quando o jornalista pergunta sobre o machismo no rap, Conka (2014) responde:

Era machista a ponto de as mulheres terem de se vestir de homem para poder chegar, senão era tirada de vagabunda. Hoje, não é mais assim. Apesar de algumas meninas discordarem, ainda tem o machismo, ele está maquiado. O que a gente pode fazer? Música, videoclipe, trabalhar sem cansar e sem dar muito moral para isso.

Quando o jornalista questiona: “O que queria expressar quando começou?” ele quer entender e detalhar a mensagem que ela pretende transmitir através de suas músicas. Sobre a questão a cantora esclarece:

Eu queria falar que eu era maior do que a minha aparência. Foram muitos anos de discriminação... Na escola eu tinha de lutar para dizer que era uma pessoa legal, que não era só uma negra. Tudo era motivo para me chamar de favelada ou me inferiorizar. Isso acabou criando uma resistência em mim e fiquei com isso na minha cabeça: passar a mensagem para as pessoas de se libertar. Fui criando uma personalidade libertária, de despertar nas pessoas a vontade de elas serem o que são. Sigo nesse caminho até hoje. (CONKA, 2014)

Os questionamentos de Pereira (2014) sempre se referem às questões de gênero, como em: “Por que há tantas mulheres no rap atualmente?” ou “O rap era machista e ainda é?”. Isso reflete a importância da representatividade da cantora para o seu público e como ela está ligada a esses assuntos. A rapper ainda conta que sofria discriminação desde a época da escola porque seu som não era de acordo com que esperavam, por ser mulher no rap, ser mãe solteira, não ter dinheiro. Mesmo diante de pessoas que não a deixam esquecer sua condição, duvidam da sua elevada autoestima, bom humor e energia para motivar as mulheres, a compositora reafirma seu pensamento reproduzido pela reportagem como no trecho a seguir:

Um amigo meu falava que era rap de autoajuda. Sempre a mensagem no final era de "tu-do vai dar cer-to". Quando apareci no rap, teve o caso de um MC que, ao me conhecer, comentou "O que te faz tão feliz? Você não tem dinheiro, tem filho, é mãe solteira. Por que é desse jeito? Você está fingindo?". Falei: "Não estou fingindo, é que eu realmente tiro as coisas boas da vida". A gente tem de estar sempre reclamando da vida, sabe? Isso me incomoda um pouco, me irrita. Não gosto dessa coisa de reclamar. A gente tem de ver o lado bom mesmo. (CONKA, 2014)

Conka potencializa a relevância de seu posicionamento social como características de seus discursos e músicas para influenciar seu público. Como visto no segundo capítulo, declarações feitas nos meios de comunicação por personagens como a cantora refletem sobre o público que com ela se identifica, indicador da capacidade do jornalismo, junto com artistas respeitados, de provocar a atenção (e talvez a reação) do receptor. A rapper é capaz de trazer reflexões através da forma que se comunica em suas músicas e entrevistas, o autor Thompson (2014, p.20), acrescenta:

Tornou-se lugar comum dizer que comunicação é uma forma de ação. Desde que Austin observou que proferir uma expressão é executar uma ação não apenas relatar ou descrever um estado de coisas, nos tornando sensíveis ao fato de que falar uma linguagem é uma atividade através da qual os indivíduos estabelecem e renovam as relações uns com os outros.

A entrevista mostra que a cantora esta sempre conectada com as questões, seja na apresentação dela, ou nos questionamentos que são feitos a ela. Ainda a partir do texto podemos compreender que Conka utiliza da sua trajetória pessoal e seu

poder de fala para auxiliar outras mulheres. Para uma visão mais concreta seguimos para o estudo do próximo objeto de análise.

4.2.2 ENTREVISTA PARA O PORTAL O GLOBO

A segunda entrevista selecionada foi realizada por Kelly Krishna Rios para o portal O Globo, em 2016. Intitulado “KarolConka fala sobre feminismo e racismo: ‘Preconceito machuca’”, o texto narrativo de 22 parágrafos, localizado na seção “Moda” apresenta trechos das respostas da cantora e duas imagens ilustrativas. É um texto narra sobre a conversa da repórter com a rapper. Ao relatar os assuntos abordados, a repórter reproduz trechos da fala, mas sem registrar as questões feitas.

Figura 12 O Globo

Karol Conka fala sobre feminismo e racismo: ‘Preconceito machuca’

Rapper chegou a passar água sanitária nas mãos para 'ficar branca' e ser aceita

Kelly Krishna Rios

03/09/2016 - 04:30 / Atualizado em 03/09/2016 - 07:21



Karol usa vestido (R\$ 599), colar (R\$ 299), brincos (R\$ 499), pulseiras listras (R\$ 169 cada) e pulseira grande (R\$ 299), todos os produtos são Eva. Edição de moda: Duodu Bertholini. Beleza: Chico Toscano (com produtos M.A.C, Urban Decay e L'Oréal Professionnel). Assistente de beleza: Dudu Leah Foto: Rodrigo Bueno/Fotos cedidas pela EVA.

RIO—Tombar, segundo o dicionário Aurélio, significa cair; declinar; descair; deslizar. O verbo, porém, ganha novas formas e significados na voz rouca e forte da rapper curitibana Karol Conka, de 30 anos — o clipe do mega sucesso “Tombei”, por exemplo, tem mais de cinco milhões de visualizações no Youtube. Alçada à fama com hits que falam sobre feminismo, racismo e empoderamento, a jovem se tornou símbolo de uma geração que pensa e veste o que quer.

Na primeira foto, Conka aparece usando um vestido listrado, cabelo de tranças preso, brincos grandes e colar de bolas. A rapper está sorrindo com uma mão em frente à boca.

Figura 13 Conka sorrindo



Na segunda imagem, Conka está vestindo uma blusa listrada, kit pulseiras, brincos e óculos de sol rosa. Com as mãos dadas, sobrancelhas erguidas e expressão marcante, a cantora demonstra sua força e é evidente seu semblante empoderado.

Figura 14 Empoderada



Buscamos analisar mais essa entrevista, porque compreendemos que o caminho das informações finais de cada entrevista pode ser diferente de acordo com o repórter que as guia. Para Fonseca Júnior (2006, p.302): “Considera que os traços pessoais, o estado do locutor ou sua reação a uma situação modificam o discurso tanto na sua forma como eu no seu conteúdo”.

Rios (2016) descreve Conka como a rapper que veio da periferia de Curitiba, que alcançou a fama com hits que falam sobre feminismo, racismo e empoderamento, além de ser símbolo de uma geração que pensa, veste o que quer e é dona da geração “tombamento”. “É uma galera que não quer mais saber de opressão e que está cansada de julgamentos e rótulos”, explica a cantora sobre o termo que relacionam a ela. No texto, a rapper é mencionada como uma importante representante de uma geração que exige respeito. Thompson (2014, p.21) compreende:

A posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo ou instituição é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui. No sentido gera, poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências.

Além de destacar a sua liderança nas causas da mulher, a jornalista vincula

Conka também ao seu lado mãe, explorando um pouco a intimidade de sua vida. Então, fala de seu filho de Jorge.

Morando em São Paulo, porque é mais perto dos compromissos profissionais, Karol revela que é na capital paranaense que fica seu coração: Jorge, de 10 anos. Como boa mãe, “mamacita” tenta proteger o pequeno da loucura que é a vida de uma artista que segue carreira nos palcos e na internet. (RIOS 2016)

Neste texto, Conka é constantemente relacionada às lutas feministas e de raça. Em um dos trechos da entrevista, Rios questiona sobre sua influência no feminismo, mas em tom autoconfiante Conka explica: “Mostrei que minha música é séria, que não estava brincando quando dizia que ali era o meu lugar. Falava com todo mundo de igual para igual. Assim, aos poucos, fui ganhando meu espaço e o respeito dos outros músicos”.

Embora a matéria também destaque as preocupações de uma mãe para com seu filho Jorge, se sobressai à imagem e a representatividade de Conka em torno das questões sociais de gênero e raça. Verificamos esse ponto, porque em 22 parágrafos de texto, apenas é citado o seu filho, sendo que nos outros trechos a maior parte é falando dessas lutas. Seu posicionamento ativo está sempre presente, seja nas canções ou nas entrevistas.

5 CONCLUSÃO

A presente análise buscou descobrir a efetividade da música e do jornalismo como agentes de transformações sociais. Se os mesmos são capazes de promover mudanças positivas para a sociedade. Também nos propomos pesquisar qual e como é o discurso feminista de Karol Conka nas suas músicas e como ela utiliza a sua posição de destaque na mídia para estimular a promoção feminina em questões sociais. Além de apresentar como a mídia entende e trata esse discurso da cantora em suas composições, uma vez que a rapper está frequentemente associada à luta feminista.

A escolha de Conka para objeto de estudo foi devido ao seu papel representativo no feminismo negro. A rapper tem um grande destaque no rap nacional, ela expõe mensagens de encorajando, enaltecendo o valor da mulher, criticando a sociedade machista e opressora, ela inspira e ensina de uma forma direta.

Para averiguar o posicionamento de Conka perante a sociedade, analisamos as canções “100% Feminista” e “É o Poder”, claras nas observações quanto às linguagens que denunciam a violência contra a mulher, questões raciais e de preconceito.

Com intuito de examinar a maneira que a mídia constrói a imagem da cantora e como Conka se posiciona na presença dos meios de comunicação, verificamos as entrevistas dela publicadas nos portais “Folha de São Paulo” e “O Globo”. Com base no estudo constatamos que Conka exerce seu papel de feminista e está ligada constantemente aos temas sobre empoderamento feminino na mídia. Seu posicionamento ativo está sempre presente, seja nas músicas ou nas entrevistas.

A partir da presente pesquisa, observamos que o tema selecionado tem relevância para a sociedade. Existe necessidade de que assuntos como esse sejam debatidos com mais frequência para que situações de opressão possam ser extintas definitivamente. Compreendemos que o jornalismo pode fazer parte da construção da realidade social, como também no desenvolvimento da cultura. É por meio da mídia que a população tem a compreensão de mundo, como de grupos que a pertence. Visto que os meios de comunicação têm espaço privilegiado, observamos que, com eles, é possível desenvolver reflexões, debates, despertar os indivíduos

para causas importantes, como a promoção feminina, diante de uma sociedade patriarcal.

Outro resultado que obtivemos foi que a música tem a capacidade de auxiliar movimentos sociais, além de trazer autonomia, autodeterminação e empoderamento social para as mulheres oprimidas que, desta forma, se sentem representadas. Por meio de expressões artísticas como de Karol Conka e seu discurso feminista e negro, seja em suas composições ou como se posiciona na mídia e na sociedade.

O trabalho se mostrou relevante, pois mesmo que o feminismo está sendo mais debatido ultimamente, as situações de desvantagens sofrida por mulheres negras vem de muitos anos atrás e refletem em desigualdade social e econômica atualmente. Apenas com algumas buscas podemos observar que as mulheres negras são vítimas da maior taxa de feminicídio no Brasil, têm os salários mais baixos, são pouco representadas na mídia, só para citar alguns prejuízos.

É imprescindível a importância de artistas negras que se atribuem feministas para a sociedade. Elas utilizam do seu espaço para dar voz as que não têm e sofrem com isso. Além de ser fundamental para crianças negras se sentirem representada desde pequenas, visto que a população negra não é exibida na mídia da mesma forma que os demais.

Conka, hoje, com apenas 32 anos, é uma forte representante do seu público. Com o passar do tempo sua trajetória ficou cada vez mais marcante e suas falas, composições e posicionamento dão força a quem precisa. Trata-se de uma artista que tem consciência do seu lugar e mobiliza o público em causas sociais.

Mesmo que as mulheres já acumulem conquistas, movimentos feministas ainda são relevantes frente à sociedade machista e misógina que suporta casos de violência e desigualdade de gênero e raça. Ações que formam mulheres submissas, depressivas e sem autoestima.

O machismo e o racismo estão enraizados em parte da população. É comum presenciar nas redes sociais, por exemplo, que se uma mulher sofreu estupro, isso se deu por causa da sua roupa curta. Também é comum negros serem insultados, apenas pela sua cor de pele. Portanto, é importante a presença de uma mulher negra, como Conka, que teve experiências negativas por conta da opressão vivida

na sociedade, nasceu em periferia, mas deu a volta por cima e hoje é uma grande artista que utiliza a sua música como forma de resistência e inspira outras mulheres.

Com base na presente análise captamos a relevância de um novo estudo que avaliaria o poder da representatividade de artísticas negras, através da música, no desenvolvimento de crianças (meninas) negras.

REFERÊNCIAS

ASSIS, F. de. **Jornalismo Cultural Brasileiro: aspectos e tendências** – Curitiba: Rev. Estud. Comum., v. 9, n. 20, p. 183-192, 2008.

AQUINO, Mirian Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. **A informação no funk: construindo a identidade afrodescendente**. Biblionline, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 250-262, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/14212>>. Acesso em: 20 set. 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1970.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 2007, v. 16, n. 16, p. 201-218, dez. 2007. Acesso em: 03 set. 2019.

BLAY, Eva. 2019. **COLOCAR “O feminismo avançou, mas não consolidou os avanços”, diz socióloga Eva**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-03/o-feminismo-avancou-mas-nao-consolidou-os-avancos-diz-sociologa-eva>. Acesso em 7 de out. 2019.

BRASIL, Natasha Fernandes Mendes; SANTOS, Jaqueline Sant’ana Martins dos. Florianópolis, 2017. **O Grito tem que ser potente: o feminismo negro de Mc Carol e KarolConka**. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499430358_ARQ_UIVO_OGritoTemQueSerPotente.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

BREDA, Tadeu. 2019. **Quem é bell hooks?** Disponível em: <https://www.editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/> Acesso em 08 de out. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMAZANO, Priscila; ESTARQUE, Marina. São Paulo, 2016. **Mulheres negras protagonizam só 7,4% dos comerciais**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/mulheres-negras-protagonizam-so-74-dos-comerciais.shtml>. Acesso em 8 de out. 2019.

CASADEI, Eliza Bachega. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. **Música Popular em Revista**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 197-214, jan./jun. 2013.

CAVICCHIOLI, Giorgia. São Paulo, 2019. **5 cantoras negras que são exemplo para outras mulheres**. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/5-cantoras-negras-que-sao-exemplo-para-outras-mulheres-122516751.html>. Acesso 13 de out. 2019.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, Jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Anna. **A música e o empoderamento da mulher**: informação musical como subsídio para o conhecimento. João Pessoa: 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13829/1/ACAC20.02.2019.pdf> acesso em 06 de abr 2019.

CONKA, Karol. São Paulo, 2019. Facebook: karolconka. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/karolconka/about/?ref=page_internal. Acesso em: 14 out. 2019.

DANTAS, Silva e MORAIS, Ana. **O Segundo Sexo na Política**: o papel do direito na inclusão das mulheres na democracia brasileira. Maceió: Edufal, 2011.

DEFF, Roger. Belo Horizonte, 2018. **Rap nacional conquista cada vez mais espaço e mostra sua capacidade de se renovar**. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2018/01/26/noticias-musica,220609/rap-nacional-conquista-cada-vez-mais-espaco-e-mostra-sua-capacidade.shtml>. Acesso em 5 de out. 2019.

FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 36, Janeiro-Junho de 2011, p. 117-153.

FONSECA JUNIOR, W. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, J., BARROS, A., **Mé todos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GENNARI, Ana Júlia. São Paulo, 2017. **KarolConka fala sobre racismo, empoderamento da mulher negra e machismo dentro do rap nacional**. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/03/08/karol-conka-fala-sobre-racismo-empoderamento-da-mulher-negra-e_a_21686477/. Acesso em: 14 out. 2019.

GONÇALVES, Iara. **KarolConka o feminismo o racismo e a negação da falsa modéstia**. Maio 2018. Disponível em: <https://medium.com/neworder/karol-conka-o-feminismo-o-racismo-e-a-negacao-da-falsa-modestia-df69744e2ece> acesso em 08 de abr de 2019.

GUTIÉRREZ, Rachel. **O Feminismo é um Humanismo**. São Paulo: Nobel, 1985.

HINKEL, Jaison, MAHEIRIE, Kátia e WAZLAWICK, Patrícia. Os fazeres musicais do Reggae e do Rap: histórias entrelaçadas. **Ícone**, Pernambuco, 2009, v. 11, n. 1. Acesso em: 20 set. 2019.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceito, escolas e tendências**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

INSTITUTO DA MULHER NEGRA. São Paulo, 2019. **Feminicídio cresce 53% em um ano na Paraíba, aponta Anuário Brasileiro da Violência**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminicidio-cresce-53-em-um-ano-na-paraiba-aponta-anuario-brasileiro-da-violencia/>. Acesso em 6 de out. 2019.

INSTITUTO DA MULHER NEGRA. São Paulo, 2019. **Negras movimentam R\$ 704 bi por ano, mas são escanteadas pela publicidade**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negras-movimentam-r-704-bi-por-ano-mas-sao-escanteadas-pela-publicidade/>. Acesso em 8 de out. 2019

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

KRISHNA, Kelly. São Paulo. 2016. **KarolConka fala sobre feminismo e racismo: 'Preconceito machuca'**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/karol-conka-fala-sobre-feminismo-racismo-preconceito-machuca-20042189>. Acesso em 05 de nov. 2019.

LYRA, Jorge; OLIVEIRA, Suely. **Histórias sobre o Feminismo Brasileiro na Esfera do Governo: entre articulações e tensões**. Pernambuco. 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500246003_ARQUIVO_O_FG11suelyoliveira-jorgelyra.pdf. Acesso em: 5 out. 2019.

MADDOX, Jade. **5 Cantoras que Mostram o Poder da Mulher**. Carapicuíba, 2017. Disponível em: <https://multimodobr.com/2017/03/08/5-cantoras-que-mostram-o-poder-da-mulher/>. Acesso em 13 de out. 2019.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: A mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREL, Marco. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**, 2003.

NAPOLITANO, Marco. **História & Música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PAIVA, Vitor. 2017. **A vida e a luta de Angela Davis, desde os anos 1960 até o discurso na Marcha das Mulheres nos EUA**. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/>. Acesso em 04 de out. 2019.

PEREIRA, Elvis. **A minha música funciona como um remédio diz a rapper KarolConka**. São Paulo: 21 de dez 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/12/1564967-a-minha-musica-funciona-como-um-remedio-diz-a-rapper-karol-conka.shtml> acesso em 08 de nov. 2019.

PEREIRA, Fabiana. 2019. **KarolConka alfineta haters: "Eu acho lindo, porque está pensando em mim"**. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/01/karol-conka-alfineta-haters-eu-acho-lindo-porque-esta-pensando-em-mim.html>. Acesso em 04 de nov. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

REBS, Rebeca Recuero. 2016. **O Excesso no Discurso de Ódio dos Haters**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2512/35377> Acesso em 04 de nov. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROMBINO, Anna. **'A gente é mais feliz quando se aceita', diz rapper KarolConka**. 2016. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,a-gente-e-mais-feliz-quando-se-aceita-diz-rapper-karol-conka,10000073777>. Acesso em: 03 de nov. 2019.

SARTI, Cynthia. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: O que ficou escondido**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 21., set. 1998, Chicago. Anais eletrônicos... Chicago: Lasa, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Sarti.pdf>. Acesso em: 10 de out 2019.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e experiência: A experiência do Movimento Hip Hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e Educação, Rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. p. 23-38.

SUA PESQUISA. 2019. **O que é o Rap e suas principais características**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/rap/>. Acesso em 5 de out. 2019.

THEMIS. 2018. **Themis promove conferência com Kimberlé Crenshaw em Porto Alegre**. Disponível em: <http://themis.org.br/themis-promove-conferencia-com-kimberle-crenshaw-em-porto-alegre/> Acesso em 05 de set. 2019.

THOMPSON, John. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes 2014.

TORRES, Leonardo. **Entrevista: KarolConka quer lançar clipe para todas as músicas do "Ambulante"**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/entrevista-karol-conka-quer-lancar-clipe-para-todas-as-musicas-do-ambulante/>. Acesso em: 14 out. 2019.

TRAQUINA, Nelson. "O paradigma do agenda-setting: Redescoberta do poder do jornalismo". **Revista Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Cosmos, número 21 e 22, 1995.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

CONKA, Karol. **Você não vai**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/karol-conka/voce-nao-vai.html>. Acesso em 14 out. 2019.

CONKA, Karol. **É o Poder**. São Paulo, 2015. Disponível em <https://www.letras.mus.br/karol-conka/e-o-poder/>. Acesso em 23 out. 2019.

CONKA, Karol; MC Carol. **100% Feminista**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s>. Acesso em 14 out. 2019.

IZA. **Dona de Mim**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/iza/dona-de-mim.html>. Acesso em 14 out. 2019.

MC Carol. **Marielle Franco**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iPoHMYfxD0Q>. Acesso em 14 out. 2019.

MC Soffia. **Menina pretinha**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-soffia/menina-pretinha.html>. Acesso em 14 out. 2019.

SOARES, Elza. **Maria da Vila Matilde**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-m393EagdSk>. Acesso em 14 out. 2019.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br